

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA UTILIZADA NO ACESSO AO ENSINO ENTRE AS CAMADAS POPULARES

Kelma Fabíola Beltrão de Souza¹

Resumo: *Este trabalho faz a relação entre os desafios da Educação a Distância na sociedade contemporânea com seus primórdios, via radiodifusão, promovidos pela experiência ocorrida no Movimento de Cultura Popular de Pernambuco na década de sessenta. A partir desta incursão na história da educação de Pernambuco, enfoca-se um momento onde a experiência com as escolas de rádio conseguiu promover o acesso ao ensino das camadas populares jovens e adultas que estavam à margem desta realidade. A finalidade desta investigação é a partir desta experiência se discutir alguns aspectos fundamentais para reflexão sobre a Educação a Distância hoje, como um recurso onde os meios de comunicação podem agir como facilitadores para o acesso da sociedade ao processo educacional.*

Palavras-chave: Educação a distância; Recurso educacional; Movimento de cultura popular.

INTRODUÇÃO

Do fim do século passado até o início deste século muito se fala em Educação a Distância. Essa forma utilizada pela educação, através do rádio, correios, TV, Internet é denominada também de teleeducação ou simplesmente EAD.

Com o advento e a proliferação dos recursos da informática, como a Internet, muitas propostas surgem como novidade no cenário educacional. Grandes instituições educacionais, como é o caso da Universidade Federal de Pernambuco, se rendem aos dispositivos da Educação a Distância e oferecem hoje cursos de graduação a distância, facilitando assim o acesso ao ensino público.

Muitas vezes este recurso também é disponibilizado não só para formação dos cidadãos, mas para o aperfeiçoamento de profissionais das diversas áreas. São cursos de diversos formatos e várias propostas para que o profissional possa, através do que é oferecido com este recurso, estar “apto” no exercício de sua função.

Assim, surgindo muitas vezes como solução para vários problemas educacionais, este recurso vem também repleto de críticas em relação ao seu uso. As mais frequentes são sobre a qualidade, como avaliação, processo ensino-aprendizagem, entre outras. Dentro desta realidade, o propósito deste estudo é demonstrar que dentre um panorama de crítica e de experiências não satisfatórias, houve uma experiência na história da educação em Pernambuco que conseguiu, dentro de seus limites tecnológicos e de tempo, resultados significativos promovendo o acesso ao ensino das camadas populares. Trata-se das escolas de rádio utilizada pelo Movimento de Cultura Popular que ocorreu em Recife – Pernambuco na década de sessenta.

Para desenvolver este estudo foi utilizado o material bibliográfico, documental e oral disponível e listados nas referências.

A importância de discutir esta temática ocorre a partir do momento que suscitar reflexões sobre o ensino a distância, revelando seus primórdios, pode propiciar caminhos alternativos para que os projetos de EAD sejam organizados com o intuito de facilitar o acesso ao ensino das

¹ Graduada em Comunicação Social (Relações Públicas) pela UNICAP, especialista em História de Pernambuco pela UFPE, mestra em Comunicação Rural pela UFRPE. Atualmente é estudante de graduação do curso de História da UNICAP (matrícula 200617051-8) e Professora Adjunta da Faculdade Metropolitana da Grande Recife, Instituto Pernambucano de Ensino Superior e (Rede Unip) da Prefeitura de Recife no ensino fundamental I. E-mail: beltraokelma@yahoo.com.br – autora.

camadas populares e também para que este recurso educacional seja de qualidade e de interesse da população.

SOBRE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Podemos sintetizar a Educação a distância como sendo: formas de educação nas quais quem ensina e quem aprende encontram-se distanciados geograficamente e até temporalmente. Esta modalidade de ensino é mais facilmente reconhecida a partir de sua concretização através da teleducação, telensino, estudos por correspondência, telecursos, ensino e aprendizagem por meio de computador, de transmissão pelo rádio, pela televisão e outras modalidades.

Para a operacionalização dessa modalidade de educação, predominantemente não presencial, são utilizados dois ou mais meios de comunicação artificial ou de recursos midiáticos.

A educação a distância seria, portanto, a utilização dos meios de comunicação na educação, agindo como facilitador no processo educacional, podendo ocorrer em escolas, residências ou locais de trabalho. Nesse aspecto podem ser utilizados todos os meios de comunicação: de massa (rádio e televisão); grupais (áudio, videocassete e ajudas visuais); individuais (telefone e correspondência), suplemento de periódico e revistas; livros adicionais; microcomputadores (e-mail, Internet); vídeo - discos; vídeo - textos.

É importante observar que as leis de diretrizes e bases para a educação de cada época aumentam seus dispositivos em relação à Educação a Distância. Na LDB mais recente, datada de 1996, nota-se muitos espaços destinados a EAD, bem como nos projetos executados pelo governo federal, estaduais e municipais.

Hoje, é percebido que a Educação a Distância está presente em muitos lugares de várias formas. São diversos os programas de iniciativas privadas e públicas, ou acordo entre estas, alguns se firmaram, outros desapareceram. Alguns destes são: TVs e rádios universitárias, TV Escola, TV Futura, Telecurso 2000, Um Salto para o futuro, Consórcio Universitário Brasilead, pós-graduações à distância, capacitações em rede, entre outros.

Nesta forma de educação, onde o contato é feito pela intermediação de um ou de vários meios de comunicação, o papel do professor passou a ser “partilhado [...] primeiro pelo texto didático, mais tarde pelo correio e depois pelo rádio, pela televisão e por outros meios recentes” (BORDENAVE, 1987, p.14). Dentro dessa realidade a educação passou a não depender diretamente do professor, passou a ser mediada.

São muitas críticas em relação à utilização deste recurso. As principais delas se manifestam através das perguntas: Como ensinar à distância alguém que mal sabe ler? Como fazer formação profissional à distância sem prática? Esses questionamentos evidenciam uma percepção onde exclui do ensino à distância qualquer forma de presencialidade no processo.

Apesar desses problemas citados não se pode deixar de reconhecer que a Educação a Distância, quando bem utilizada, pode trazer resultados positivos.

De acordo com Diaz Bordenave (1987), houve várias experiências positivas no campo da teleducação, dentre elas, em 1971, a Open University de Londres, utilizando o rádio e televisão, dava acesso para os trabalhadores e às pessoas que não podiam se dedicar somente ao estudo. Eles podiam estudar em casa ou no trabalho e recebiam diploma reconhecido.

No Brasil, um momento de importante investimento ocorreu antes do golpe de 64, no projeto “Aliança para o Progresso” e na organização de alguns movimentos sociais que fizeram uso do rádio na educação. A Aliança para o Progresso foi um grande e ambicioso projeto de modernização organizado pelos Estados Unidos para América Latina em 1961². Os seus efeitos

² Segundo Sader (1992, p.40), os EUA, para deter os avanços das correntes inspiradas na Revolução Cubana e setores progressistas na América Latina, criaram a “Aliança para o Progresso”. Ela incentivava reformas nos moldes

na análise de Mattelart (1998), são sentidos no planejamento familiar, inovação no meio tecnológico e novas tecnologias educativas; se trata da “difusão de atitudes modernas” (1998, p. 181-182).

As primeiras críticas a essa “difusão da modernidade”, de acordo com Matellart (1998, p. 186), estão nas iniciativas de educação popular no início da década de 60 e “principalmente as experiências de alfabetização e conscientização do pedagogo brasileiro Paulo Freire”. Os programas de educação popular seriam o MEB, SAR, MCP, SIREPA, CPC e “De Pés no Chão Também se Aprende”. A maioria utilizou o rádio como recurso tecnológico principal para ação educativa.

Nesse contexto histórico vivido percebe-se também uma ênfase significativa do Cristianismo via CNBB e juventude cristã, que quando impulsionam seus investimentos nos movimentos sociais, logo buscam também formas e exemplos para que seus objetivos possam ser atingidos para grande escala da população, encontrando na educação através do rádio um ótimo aliado. É sobre essa utilização que pretendemos analisar, especificamente através do MCP, que fez uso do rádio como recurso educativo.

PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O ensino a distância recebe muitas críticas. De acordo com Fernandez Gonçalves (1999), as principais delas se manifestam através das perguntas: “como ensinar a distância alguém que mal sabe ler? Como fazer formação profissional a distância sem prática?” Para Fernandez Gonçalves, esses questionamentos evidenciam uma percepção distorcida, a qual “exclui do ensino a distância qualquer forma de presencialidade no processo.” E prossegue que “o termo a distância, que indica separação física entre professor e aluno, não exclui o contato direto [presencialidade] dos alunos entre si ou do aluno com alguém que possa apoiá-lo no processo de aprendizagem.” Portanto, esses momentos de presencialidade seriam apenas uma questão de estratégia, de plano de ação, pois a Educação a Distância não exclui e nem concorre com o ensino presencial.

É sabido que a teleducação, além desse citado, é alvo de uma série de outros problemas. Alguns deles foram identificados em observações³ sobre a teleducação utilizada pela rede pública de ensino no Estado de Pernambuco. Perceberam-se alguns problemas, como slides encontrados no “lixo” (material produzido pela Fundação Roberto Marinho); jornais e revistas que não são utilizados pelo professor e pelo aluno; professores utilizando fitas do Departamento de Tecnologia Educacional para “distrair” os alunos; nas capacitações em rede, professores demonstram aversão, falta de atenção e se dispersam; o interesse em participar do programa “Um Salto para o Futuro” se limita à aquisição da bolsa - auxílio; furtos do material eletrônico (TV, antena parabólica e vídeo). Essa realidade é uma pequena demonstração dos problemas que afetam ou impedem um bom resultado da utilização da teleducação em Pernambuco (SOUZA, 1999).

Outras limitações do uso da EAD são classificadas como ensino industrializado, ensino consumista, ensino institucionalizado, ensino autoritário, ensino massificante (GUTIERREZ; PRIETO, 1994). Neste sentido, a composição de materiais utilizados está mais próxima de processos industriais do que de uma educação participativa. Percebe-se que os processos educativos ficam à margem, tornando-se difícil promover a produção do conhecimento e a consciência crítica, isto é, uma educação reflexiva. Como produto industrializado a educação

capitalistas, onde promovia reformas agrárias e a criação de classes intermediárias entre os grandes latifundiários e a pobreza campesina, assim barrando o processo de radicalização social.

obedece à lei de mercado, tornando-se atrativo de venda e consumo. O ensino é institucionalizado porque não é o professor que ensina, mas uma instituição. Ele é autoritário e massificante, porque ocorre de forma vertical, por exemplo, conteúdos de determinados vídeos produzidos pela Fundação Roberto Marinho, muitas vezes não atendem à realidade de cada local. O ideal seria uma descentralização e diversificação da produção.

Diaz Bordenave (1987) observa também algumas questões, como: falta de hábito do autodidatismo na cultura latino-americana e taxa alta de evasão provocada pela inexistência de cobrança. O autodidatismo é um aspecto inerente ao funcionamento de um programa a distância. A questão é que o público-alvo precisa estar sempre buscando este aprendizado, tendo que desenvolver o hábito de estudar. Esse aspecto nos leva a perceber que há uma desistência significativa entre muitas pessoas que participam dos programas.

Apesar desses problemas, não se pode deixar de reconhecer que a Educação a Distância, quando bem utilizada, pode trazer resultados positivos.

O MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR E O ACESSO A EDUCAÇÃO

No início da década de 60, em Recife, vários artistas, intelectuais, religiosos, políticos e estudantes estavam preocupados com os problemas que envolviam a educação e a cultura da população.

Abelardo da Hora⁴ relata que em 1949, ele já tinha intenção de formar um grande movimento cultural, e que teria sugerido ao então governador Barbosa Lima. Mas foi só em 1960, com Miguel Arraes no governo municipal de Recife, que o movimento começaria a funcionar. Hora coloca que o prefeito o teria chamado e esclarecido suas intenções em apoiar um “*amplo movimento de Educação e Cultura*”, aproveitando a estrutura desse movimento cultural e sugerindo acrescentar um setor de educação para alfabetização de crianças e adultos. De acordo com Abelardo da Hora, o prefeito já conhecia um grupo de educadores católicos (1986, p. 14,15).

Esse grupo de educadores católicos já desenvolvia atividades em conjunto na Comunidade de Camaragibe e atividades da juventude católica. O grupo era formado por Paulo Freire, Germano Coelho, Paulo Rosas, Anita Paes Barreto, Norma Porto C. Coelho, Josina Godoy, Giselda Fonseca e Maria Antônia Mac-Dowel. Sobre o vínculo religioso desse grupo, Germano Coelho e Norma Porto trouxeram de sua longa permanência em Paris uma visão nova de sociedade, educação e cristianismo. (AZEVEDO, 1986; ROSAS, 1999).

Foi, portanto, de uma pluralidade de perspectivas que surgiu o MCP. Das intenções de Abelardo da Hora em promover a cultura; das preocupações dos educadores católicos em amenizar a problemática educacional; da vontade política do prefeito Miguel Arraes em priorizar a questão educacional e cultural, dentre muitas outras contribuições. Tudo isso fez acontecer o Movimento de Cultura Popular.

Dos fatores que contribuíram para o rápido desenvolvimento do MCP, além desses já comentados, Paulo Rosas (1986, p. 31) acrescenta mais um: “a inesperada primavera” que se adivinhava na ação da Igreja Católica no mundo a partir do Papa João XXIII. Ele comenta ainda que o impacto do Concílio Vaticano II, anunciado desde 1959, de certa forma facilitou as ações dos católicos: “Os católicos, creio que sobretudo, os egressos dos movimentos de ação católica, nos sentíamos mais “desinibidos” em nossa ação social”. (ROSAS, 1999).

Diante dessas perspectivas, em maio de 1960 foi criado o MCP, instituição sem fins lucrativos, com sede no Sítio da Trindade. Em se tratando da educação, nosso objeto de estudo, nesse mesmo mês são oficializadas e inauguradas 10 escolas no bairro de Santo Amaro, as primeiras escolas municipais, destinadas educação infantil (WEBER, 1984).

⁴ Abelardo da Hora é artista plástico e foi dirigente do MCP, esse depoimento compõe o Memorial do MCP.

Porém uma das propostas do Movimento era atingir os adultos no contexto educacional. Visando atingir esse objetivo em setembro de 1961, são organizadas as escolas de rádio que surgem da necessidade de suprir uma grande demanda carente de educação, os adultos.

Para implantação das escolas radiofônicas, Rosas (apud MEMORIAL DO MCP, 1986, p. 26) relata que havia um levantamento de locais desejosos de classes noturnas: “jipes providos de alto-falantes conduziam estudantes que divulgavam o projeto, ao mesmo tempo que procediam ao levantamento do interesse de grupos de habitações próximas[...]”.

Esse aspecto levantado é importante, porque o fato das unidades escolares terem sido construídas em bairros pobres e periféricos permitiu o acesso da educação às camadas populares.

Em relação ao conteúdo a ser transmitido através do rádio, Germano Coelho (MEMORIAL DO MCP, 1986), na época, presidente do Movimento de Cultura Popular, assinou um convênio com o Sistema de Rádio Educativo – SIRENA, que tinha discos e cartilhas, mas que os conteúdos disponíveis não estavam adequados à realidade da população local (SOUZA, 1999). A partir desse contexto o material do SIRENA não foi utilizado, surgindo então a necessidade de suprir esse material. Paulo Freire teria sido o primeiro requisitado por Germano para elaboração da cartilha, mas não concordou em fazê-la. As próximas consultadas teriam sido Norma Coelho e Josina Godoy, que aceitaram. Logo no começo da experiência, os textos das aulas elaborados pelas educadoras foram mimeografados, e só em 1962 ele foi sistematizado num livro, o Livro de Leitura para Adultos ou Cartilha do MCP. Para elaboração do livro, as autoras estudaram as experiências de outros países com características semelhantes, publicadas nas revistas da UNESCO (SOUZA, 1999).

Sobre o conteúdo do livro de leitura há uma abordagem em relação a diversos aspectos. É importante salientar que o livro dá uma ênfase à “conscientização”, tida como necessária para que a população pudesse transformar sua realidade. Dentre os aspectos abordados no livro, destacamos o religioso. Nota-se um respeito à liberdade de opção religiosa, onde apesar do forte vínculo dos educadores católicos, o universo tanto dos alunos como de outros participantes do movimento era múltiplo, havia uma convivência de várias crenças e filosofias que conviviam no movimento. Essa questão religiosa é óbvia em alguns trechos das lições 76, 49 e 38 do livro de leitura:

Cada um tem sua crença: os católicos tem fé em Cristo; os protestantes também; os judeus esperam o Messias; os espíritas acreditam em reencarnação; os outros não tem crença.

Exu é uma divindade do Xangô; o xangô é um culto religioso.

A comunidade judaica deve ser respeitada, da mesma maneira como as comunidades católica, batista, espírita, etc (MEMORIAL DO MCP, 1986).

Diante desses aspectos que abordam as lições da cartilha, pode-se perceber a consciência das autoras em relação ao respeito a outras religiões, bem como aos participantes que conviviam que não tinham religião, como os comunistas, por exemplo.

De acordo com as autoras, a intenção da cartilha era elaborar uma “maneira de ensinar a ler que pudesse, realmente, interessar ao homem e mulher do Nordeste, cansados de luta diária pela sua sobrevivência e a de seus filhos”. A partir disso chegaram à conclusão que só tratando sobre as causas desses problemas poderiam contribuir (1986, última página, sem numeração).

Os programas radiofônicos eram transmitidos pelas rádio Clube de Pernambuco e pela rádio Continental. Na rádio Clube de Pernambuco, os programas ocorriam todos os dias da semana, menos na quarta-feira e domingo, das 20:50 às 21:40h. (MEMORIAL DO MCP, 1986).

O espaço físico para as aulas era compartilhado com o mesmo espaço físico das escolas diurnas para crianças e adolescentes, mas mesmo assim foi necessário abrir outras escolas e ainda contar com os aparelhos de rádio para o funcionamento desta. Essa estrutura era garantida em parte pela Prefeitura, que contribuía com o aparelho de rádio, quadro e cadeiras, ou doada pela população.

Todo esse processo da transmissão e elaboração, através das escolas radiofônicas, era comandado por um grupo central. Nas escolas contavam com monitores, que com orientações do Guia do Alfabetizador mediavam (AZEVEDO, 1986).

Azevedo (1986), através de depoimentos, cita que cada escola tinha entre 20 a 40 alunos; e que em 1963 são registrados cerca de 400 alunos supervisores. Como muitos documentos foram destruídos com o golpe militar de 1964, se torna difícil encontrar dados mais precisos.

Outro aspecto que caracterizou as escolas radiofônicas, é que sua dimensão ultrapassava Recife. Já em 1962, Weber⁵ relata que foi estabelecido um convênio com a prefeitura do município de Palmares, zona da Mata Sul, para atuação das escolas radiofônicas.

De fato, com essas características as escolas radiofônicas demonstram a força de sua atuação, vindo a estar dentre as várias experiências em educação A distância desse período. Vale salientar que em 1962 Arraes não era ainda governador, o que facilitaria a ampliação da atuação do MCP fora de Recife e que, principalmente, há nesse período uma acentuada crítica ao conteúdo das cartilhas usadas nas escolas radiofônicas.

Essas críticas começam a ficar acentuadas à medida que é intensificada a Guerra Fria e quando Arraes afasta-se da prefeitura para candidatar-se a governador. A sociedade, neste momento, vive no período de Guerra Fria, marcada pela divisão da sociedade em blocos: capitalista e comunista. Portanto, há um desejo de conter o avanço do bloco socialista, e pressões ocorrem pelo Brasil. Essas pressões caem sobre Pernambuco nas lideranças políticas com propostas de caráter popular, bem como na população que comunga nessas propostas. A proposta que promovesse e incentivasse a conscientização das camadas populares significava ser subversiva, ou melhor, estar servindo às intenções socialistas.

Portanto foram assim canalizadas as discussões políticas. Arraes ser eleito significava ampliar as ações tidas como “subversivas”, do âmbito municipal para o estadual. Eram constantes as críticas identificadas na imprensa escrita pernambucana: Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Última Hora.

Mas ocorreram também mobilizações de repúdio a acusações sobre o MCP. Uma delas foi de Anísio Teixeira, que defendeu publicamente o livro de leitura “é a melhor cartilha para adultos já editada no Brasil (...) através da cartilha se ensinava o alfabeto nordestino e a sua própria vida”. Estudantes e intelectuais também se posicionaram através de debates e manifestações por escrito. Diretoras de divisões do MCP vão à televisão para convidarem a população para visitarem as escolas e defenderem suas posições religiosas, a católica Anita Paes Barreto e a presbiteriana Elza Loureiro. (WEBER, 1984, p. 252).

As escolas de rádio e o MCP chegaram ao fim com o golpe de Estado de 1964. A proposta educacional de conscientização foi desativada, o corpo docente e o material imobiliário foram transformados em Fundação Guararapes e integrados definitivamente à prefeitura. As escolas hoje são as escolas municipais do Recife e as experiências com o rádio foram extintas.

CONCLUSÃO

A perspectiva deste trabalho foi revelar alguns aspectos importantes na Educação a Distância, recurso hoje tão utilizado na promoção do acesso ao ensino, para que se possam ter práticas cautelosas sobre esta realidade. Demonstra-se, através do MCP e sua experiência em Educação a Distância, como foi significativo este recurso para permitir o acesso à educação das camadas populares que estavam a margem do processo educacional no período.

Porém, não é só garantir o acesso à educação, mas fazê-lo com qualidade. Dessa forma refletimos: Como educar tanta gente, num só tempo, de uma só vez? Como provocar reflexões e questionamentos nas camadas populares, além dos conteúdos formais da escola? Como agir

⁵ DP 23.03.62, p.6 apud WEBER, p. 254.

como facilitador entre aqueles que jamais tiveram acesso à educação? Como fazer com que a população se interessasse pelos conteúdos educativos abordados?

Dentre os aspectos levados em consideração na experiência das escolas radiofônicas do MCP, três nos parecem fundamentais para refletirmos um pouco sobre os investimentos na EAD que permeiam hoje o contexto educacional.

A princípio, o aproveitamento do recurso de comunicação: o rádio. Ao que parece nesse momento, ele já era um veículo popular, de fácil aquisição, barateando os custos e atingindo a um grande número de pessoas, questões essas que provavelmente facilitaram o desenvolvimento desses projetos.

Outro aspecto é o conteúdo trazido pelos programas. Identifica-se uma preocupação em aproximar os conteúdos formais educacionais do contexto vivido pelas camadas populares. Há uma preocupação em abordar, através da principal tônica desses movimentos “conscientização para transformação”, questões que atingem seu cotidiano: cultura, trabalho, lazer, direitos, leis, economia, religião, entre outros.

Por último chamamos atenção para a maneira que ela pode ser utilizada. Não podemos vê-la de forma messiânica, como apta para a resolução dos problemas educacionais, nem com desprezo, como se a EAD representasse um retrocesso educacional. É importante avaliarmos a forma de utilizá-la e comprometer o seu uso, dentro de cada contexto e, principalmente, ter bem claro que esta modalidade de ensino, não exclui o ensino presencial, a EAD é um recurso tecnológico, um meio. E conforme a experiência de um passado recente, naquele caso foi o rádio, as tecnologias da comunicação podem se tornar um excelente aliado na promoção de novas experiências de educação popular e do acesso ao ensino de um modo geral.

REFERÊNCIAS

COELHO, Germano de Vasconcellos. **Germano de Vasconcellos Coelho**: depoimento [abr/maio 1999]. Entrevistadora: Kelma Fabíola Beltrão de Souza. Recife: Monografia de Especialização em História de Pernambuco, 1999. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida à pesquisadora Kelma Fabíola Beltrão de Souza.

DIAZ BORDENAVE, Juan E. **Teleducação ou Educação a distância**: fundamentos e métodos. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FERNANDEZ GONÇALVEZ, Consuelo Tereza. **Quem tem medo do ensino a distância?** Disponível em: <http://www.intelecto.net/ead_textos/consuelo.html>. Acesso em 03 fev 1998.

MARTELART, Armand. **Comunicação – mundo**: história das idéias e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994 (Coleção Horizontes da Globalização).

MEMORIAL DO MCP. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1986 (Coleção Recife, volume XLIX).

NUNES, Ivônio Barros. **Noções de educação a distância**. Disponível em: <http://www.intelecto.net/ead_textos/ivonio1.html> . Acesso em 03 fev 1998.

PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60**: rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Ática, 1992.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

PFROMM NETTO, Samuel. **Tecnologia da educação e comunicação de massa**. São Paulo: Pioneira, 1976.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

ROSAS, Paulo. **Paulo Rosas**: depoimento [abr 1999]. Entrevistadora: Kelma Fabíola Beltrão de Souza. Recife: Monografia de Especialização em História de Pernambuco, 1999. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida à pesquisadora Kelma Fabíola Beltrão de Souza.

SADER, Emir Simão. **Cuba, Chile e Nicarágua**: socialismo na América Latina. São Paulo: Atual, 1992. (Série História Viva)

SOUZA, Kelma F. Beltrão de. **Escolas Radiofônicas utilizadas no Movimento de Cultura Popular – MCP**. Uma experiência em Educação a Distância. Monografia (Especialização em História de Pernambuco). Recife: UFPE, 1999. 67p.

_____. A abordagem sobre a cultura popular utilizada no Movimento de Cultura Popular de Pernambuco. In: **ALAIC**, VI, 2002, Santa Cruz, Bolívia: Universidad Privada de Santa Cruz de La Sierra, 2002. 1CD.

WANDERLEY, Luis Eduardo. **Educar para transformar**. Rio de Janeiro: Vozes. 1984.

WEBER, Silke. Política e Educação: O Movimento de Cultura Popular no Recife. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol 27, n. 2, 1984, p. 233 a 262.